

**Corvo (Alq.)** – Em termos de Ciência Hermética, significa a matéria ao negro, durante a putrefação. Chamam-na também de *Cabeça de Corvo*, que é leprosa, que precisa ser branqueada, lavada sete vezes nas águas do Jordão, como Nahaman. São as embebições, sublimações, coações etc. da matéria, feitas dentro do vaso, exclusivamente pelo regime do fogo.

**Cosmocratores (Gr.)** – “Construtores do Universo”, os Arquitetos do mundo, ou seja, as Forças criadoras personificadas.

**Cosmogonia de Quiche** – Chamada de *Popol Vuh* e descoberta pelo abade Brasseur de Bourbourg. (Ver *Popol Vuh*.)

**Cosmos** (do latim *Cosmos* e do grego *Kosmos*) – O mundo, o Universo, o conjunto ordenado de todas as coisas criadas. Na *Doutrina Secreta*, H. P. Blavatsky usa o termo *Cosmos* (com C), aplicando-o unicamente ao Cosmos visível, isto é, nosso sistema solar, enquanto a palavra *Kosmos* (com K) é empregada para designar a manifestação manifestática como um todo, o *Kosmos* universal, do qual faz parte nosso sistema planetário.

**Cosumet (tb. Cosmec) (Alq.)** – Antimônio dos filósofos e dos químicos comuns.

**Cremer, John** – Sábio eminente que pelo espaço de cerca de trinta anos, e sendo abade de Westminster, estudou a filosofia hermética em busca de seus segredos práticos. Ao fazer uma viagem pela Itália, encontrou o célebre Raimundo Lully, a quem fez ir com ele para a Inglaterra. Lully revelou a Cremer os segredos da pedra, e por este serviço o mosteiro passou a rezar por ele todos os dias. Cremer, diz a *Enciclopédia Maçônica*, “tendo obtido um profundo conhecimento dos segredos da Alquimia, chegou a ser um dos mais célebres e instruídos Adeptos na filosofia oculta... viveu até idade muito avançada e morreu durante o reinado de Eduardo III.

**Criação** – Sendo a matéria incriada, eterna e indestrutível, por mais que suas formas sejam cambiantes e passageiras, a Teosofia sustenta, de acordo com o antigo apóte-*ma ex nihilo nihil* (do nada, nada sai), que o mundo não foi feito do nada e que, portanto, não é uma criação, no verdadeiro sentido da palavra, mas uma *emanação* da natureza material da Divindade e que nesta mesma natureza material se resolve, quando o mundo chega a seu fim. Por outro lado, não há, na língua sânscrita, qualquer palavra que expresse a idéia de criação, no sentido de se produzir algo do nada ou dar forma àquilo que antes não a tinha. (Ver *Bhagavad-Gîtâ*, XIII, 19; VIII, 18 e IX, 7 e 8.)

**Criação bhûta** – Ver *Bhûta-sarga*.

**Criação elemental** – Ver *Bhûta-sarga*.

**Criação indriya ou aindriyaka** – Literalmente: “criação sensível ou perceptível”. Nos *Purânas*, é a terceira das sete criações. (P. Hoult)

**Criação Kaumâra** – No *Vishnu Purâna* é a noção criação: a dos *Kumâras*, isto é, daqueles que se negaram a engendrar. (P. Hoult)

**Criação mahat-tattva** – Nos *Purânas*, é a primeira das sete criações. (P. Hoult)

**Criação pādma** – Metáfora hindu para uma das duas grandes criações brâhmicas, representando uma metade da existência manifestada: “a idade em que Brahmâ surgiu do lótus”. (Ver *Criações prâkritas*.) (P. Hoult)

**Criações prâkritas** – “Criações originais”. As três primeiras criações de que nos falam os *Purânas*, isto é, as de *Mahat-tattvas*, *Tanmâtra* ou *Bhûta* e *Indriya*. (P. Hoult)

**Criação Tanmâtra** – Ver *Bhûta-sarga*.

**Criocéfalo (Gr.)** – “Que tem cabeça de carneiro”. Este epíteto é aplicado a várias divindades e figuras emblemáticas, especialmente àquelas do Antigo Egito, que foram ideadas no período em que o Sol passava, no equinócio de primavera, do signo de *Touro* para o de *Áries*. Anteriormente a este período prevaleceram as divindades com cabeça de touro e corníferas. Ápis era o tipo do deus-touro, Ammon era o de cabeça de carneiro; além disso, Ísis era representada com cabeça de vaca. Porfírio escreve que os gregos relacionaram o carneiro com Júpiter e o touro com Baco. (W. W. W.)

**Cripta** – Um subterrâneo secreto abobadado. Algumas criptas eram destinadas à iniciação e outras para a sepultura. Antigamente havia criptas sob cada templo. Havia uma sob o Monte Olivete, revestida de estuque vermelho e lavrada, antes da chegada dos judeus.

**Crismon ou Chrismon (Gr.)** – Monograma de Cristo, formado pela combinação de um X e um P (equivalente ao nosso R) entrelaçados, primeiras letras da palavra grega *Christos*. Este monograma, ao qual se acrescentam algumas vezes o A e o  $\Omega$  nos ângulos laterais do X, encontra-se pintado ou esculpido em um grande número de monumentos

**Cristãos de São João** – Ver *Sistema Bardesiano* e *Codex Nazaraeus*.

**Cristãos de São Tomás** – Antigos cristãos das Índias Orientais, que pretendem descender daqueles que foram convertidos por São Tomás e sustentam que guardaram a verdadeira doutrina pregada pelo Apóstolo. Estes cristãos constituem a seita de Nestório e estão submetidos ao patriarca da Babilônia. Rechaçam o culto das imagens e seus ritos diferem consideravelmente daqueles da Igreja latina.

**Cristo** – Do grego *Chrestos*, forma gnóstica primitiva de Cristo. Foi usada no V século a.C. por Êsquilo, Heródoto e outros. O *Manteuma pythochresta*, ou seja, os “oráculos proferidos por um deus pítico”, através de uma pitonisa, são mencionados pelo primeiro autor citado (*Choeph.* 901). *Chrésterion* não é somente “o lugar de um oráculo”, mas também uma oferenda para ou pelo oráculo. *Chréstés* é aquele que explica oráculos, “um profeta e adivinho”, e *Chrésterios* é aquele que serve a um oráculo ou deus. O primeiro escritor cristão, Justino mártir, em sua primeira *Apologia*, denomina *Chrétianos* os seus correligionários. “Deve-se somente à ignorância o fato de os homens se intitularem seus correligionários”. “Deve-se somente à ignorância o fato de os homens se intitularem seus correligionários”, diz Lactâncio (liv. IV, cap. VII). Os termos *Cristo* e *Cristãos*, que originalmente eram escritos como *Chrést* e *Chrétianos*, foram copiados do Templo dos pagãos. *Chrestos* significava, em tal vocabulário, um discípulo posto à prova, um candidato à dignidade de hierofante. Quando o aspirante alcançava, através da iniciação, grandes provas e sofrimentos, e havia sido *ungido* (isto é, “friccionado com óleo”, como o eram os Iniciados e também as imagens dos deuses – ídolos –, como um último toque da prática cerimonial), seu nome era transformado em *Christos*, o “purificado”, na linguagem do mistério ou esotérica. Na simbologia mística, realmente, *Christés* ou *Christos* significava que já se havia percorrido o “caminho”, o Sendeiro, e alcançado a meta; quando os frutos de um árduo trabalho para unir a efêmera personalidade de barro com a Individualidade indestrutível transformavam-na, assim, no Ego imortal. “Ao fim do caminho está o *Chéstés*”, o Purificador, e, uma vez terminada a união, o *Chrestos*, o “homem de dor”, convertia-se em *Christos*. Paulo, o Iniciado, sabia disso e foi precisamente isso o que quer expressar quando diz, em má tradução: “Estou outra vez em dores de parto até que Cristo tenha-se formado em vós” (*Gálatas*, IV, 19), cuja verdadeira interpretação é “... até que forméis o *Christos* dentro de vós mesmos”. Porém os profanos, que sabiam apenas que *Chréstés* estava de algum modo relacionado com o sacerdote e o profeta e nada sabiam sobre o significado oculto de *Christos*, insistiram, como Lactâncio e Justino, em ser chamados *Chrestianos* ao invés de *Christãos*. Toda